



Sobre la enseñanza de la geografía en América Latina. Entrevista a Dimas Moraes Peixinho

Silvina Macarena Silva Bertolotto

Universidad de Szeged, ARGENTINA/HUNGRÍA

silvinasilvabert@gmail.com

APRESENTAÇÃO

Dimas Moraes Peixinho é um doutor em geografia brasileiro nascido em Rondonópolis (MT). Atualmente é professor titular na Universidade Federal de Jataí (GO) nas disciplinas de Geografia da Indústria, Metodologia da pesquisa e geopolítica, geografia de Goiás e formação sócio-espacial, geografia de relações etno-raciais, entre outras disciplinas ministradas. É membro da Rede de Pesquisa sobre Regiões Agrícolas (REAGRI).

Sua pesquisa se destaca nas áreas de Geografia rural e regional, focado principalmente nos seguintes tópicos: sistemas produtivos (setor sucroenergético, biodiesel e cadeia carnes-grãos) dinâmica socioespacial nos cerrados, políticas públicas, processos de arenização em áreas dos cerrados.

* Universidade Federal de Jataí . Correo: dimas_peixinho@ufg.br

DADOS GERAIS

Silvina Macarena Silva Bertolotto (SMSB): Qual é a sua formação acadêmica?

Dimas Moraes Peixinho (DMP): Minha formação acadêmica é graduação em geografia pela Universidade Federal de Mato Grosso, UFMT (1991), mestrado em Geografia (Humana) pela Universidade de São Paulo, USP (1998) e doutorado em Geografia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ (2006).

SMSB: Há quantos anos é professor?

DMP: Eu comecei a minha formação no ensino fundamental e médio. Me formei nos '90 então daí para cá eu sempre dei aula, 34 anos de magistério. Na universidade eu trabalho desde 1996, são 28 anos.

SMSB: Em que níveis de escolaridade?

DMP: Ensino fundamental, médio e superior.

SMSB: Em que disciplinas atua e em quais atuou?

DMP: Nas disciplinas de Geografia da Indústria, Metodologia da pesquisa e geopolítica, geografia de Goiás e formação sócio-espacial, geografia de relações etno-raciais. Mais na área de geografia humana.

SMSB: Tem participado em algum processo de atualização da matriz curricular? Em qual instituição?

DMP: A gente faz o que chama de “programa curricular do curso”, sempre participei disso, nosso curso (Licenciatura de geografia na Universidade de Jataí) já tivemos umas 4 atualizações que eu participei: sugerindo conteúdos, bibliografia, faço parte do núcleo da licenciatura que acompanha a atualização do curso e as mudanças.

SOBRE A FORMA DE ENSINAR GEOGRAFIA

SMSB: O que você acha do difícil processo de definição do objeto de estudo da geografia?

DMP: Eu penso que, desde o início, quando se organizou a geografia, ficou organizada sobre dois eixos: Uma geografia geral que se volta para os estudos da natureza e que faz uma descrição dos aspectos da natureza pegando clima, solo, vegetação, etc; e um eixo que pesquisa as particularidades, que foca nos fatos sociais procurando compreender a organização da sociedade, formas urbanas, produtivas da indústria, da agricultura e assim sucessivamente. Então, na origem a geografia já tem um pouco essa limitação, o que comumente passou a se chamar geografia física eu prefiro chamar de “geografia da natureza”. Pelas características do objeto, existe uma abordagem diferente, mas eu

entendo que existe uma interação entre essas duas temáticas e que não é tão difícil você fazer uma interação usando a base material da natureza e como isso, é apropriado na ação humana então, não existe uma humanidade sem natureza assim como não existe uma natureza sem humanidade. Então apesar de difícil eu acho que não é contudo um problema, mas enfim vivemos nessa dicotomia.

SMSB: Pode-se dizer que a geografia ainda hoje é ensinada a partir do paradigma positivista? Por que isso acontece?

DMP: *Eu penso que tem dois paradigmas que acabam prevalecendo, o neopositivismo e o positivismo lógico, e aí um terceiro que ganha importância que é a dialética. Mas sim, eu penso que a geografia aqui no Brasil e, de uma forma geral, ainda tem muito essa característica do empirismo lógico, por conta de que parte do conteúdo da geografia é visto a partir da lógica da descrição. E aí você coloca alguns modelos, faz uma aproximação com a linguagem matemática para dizer que se chega a um conhecimento verdadeiro, a partir dessa ideia do empirismo lógico, esse é um paradigma que tem muita força ainda porque é uma geografia descritiva. O positivismo, também se renova a partir da década de '50 e continua porque traz uma ideia de uma geografia próxima a um discurso social, também buscando evidências de causas e que ainda continua com força. Eu diria que a dialética ganhou uma importância com alguns críticos, Yves La-*

coste é um exemplo, as obras clássicas do Kropotkin e do Élisée Reclus.

SMSB: Em termos pessoais e profissionais, como você conseguiu redefinir suas aulas a partir de perspectivas renovadas?

DMP: *Desde a minha militância na juventude tenho aproximação com a ideia da dialética, durante esses quase 35 anos atuando como docente procurei me apoiar um pouco na questão da crítica, de fazer uma geografia que fosse para além da aparência (geografia empirista) e também dessa geografia que busca uma ideia de neutralidade. Então, procuro aprofundar a discussão na realidade, a partir da questão social, das condições das desigualdades. Eu tenho construído a minha interpretação da geografia a partir da perspectiva da dialética, procurando mostrar que há contradições socioespaciais e que a geografia pode contribuir para revelar essas desigualdades.*

IMPORTÂNCIA DO CONHECIMENTO GEOGRÁFICO HOJE E NA SUA FORMA DE ENSINAR

SMSB: Seguindo as críticas que Yves Lacoste fez ao ensino da geografia na década de 70 no seu livro “Geografia, uma arma de guerra” sobre a desconexão do conhecimento geográfico do raciocínio político e estratégico, pensa que esta situação ainda acontece nas salas de aula? Porque? Como

essa afirmação se materializa no país onde você trabalha?

DMP: *Eu penso que elas abriram um espaço que possibilitou a crítica dos anos 1970 à geografia positivista e porque para ele a geografia escolar, só servia para mascarar a realidade. Na verdade, a verdadeira geografia era a geografia do estado maior, da guerra. Esse livro, aqui no Brasil, teve um impacto grande, foi feito traduções clandestinas pois era período da ditadura militar. A crítica de Lacoste abriu caminhos à geografia crítica, que se coloca na década dos 1970 e no Brasil, especialmente na década de 1980 quando se tem uma renovação do pensamento geográfico. Então, além da contribuição daquele momento, ainda continua sendo um livro de referência porque mostra a geografia da forma como era ensinada (e ainda é), essa geografia descritiva, que não faz crítica social, não apresenta a realidade contraditória do modo de produção capitalista; como a divisão internacional do trabalho regula a geopolítica mundial. É uma crítica que abriu naquele momento, um debate de renovação para a geografia e que, ainda hoje, continua válida. As críticas do Lacoste abriram um caminho novo para pensar e fazer uma crítica no interior da Geografia.*

SMSB: Que função social poderia desempenhar o conhecimento geográfico no nosso tempo?

DMP: *Eu sou otimista, eu acho que a geografia tem um papel importante desde*

as questões macros, desde a geopolítica, a nova ordem mundial, da divisão internacional do trabalho até o cotidiano das pessoas. As pessoas vivem nos lugares, nos territórios e a geografia tem uma contribuição para trazer isso como evidência para que as pessoas possam observar. A geografia tem uma função social de fazer a crítica, de mostrar as contradições das diferenças, das desigualdades e como elas se manifestam a partir da lógica da organização do espaço, do território, dos lugares.

Eu entendo que a geografia é muito importante como conteúdo na escola, a geografia é um campo de conhecimento que é necessário para que a juventude possa compreender as relações sociais, as disputas de poder, a forma como a sociedade se organiza e como essa sociedade se apropria da natureza. Então, a geografia nos seus aspectos ambientais, socioeconômicos, geopolíticos é um conteúdo que eu julgo muito importante que tenha na formação de toda a sociedade, especialmente da juventude, é uma forma de entendimento de mundo que ela é atual e necessária para que, a gente possa compreender a realidade.

SMSB: Que lugar você acha que o conceito “meio ambiente” deveria ocupar no ensino de Geografia?

Eu penso que é uma temática muito atual e necessária e, portanto, a geografia deve ter isso no centro de interpretação, junto com outros conteúdos clássicos também mas a temática ambiental hoje está

muito em evidência e a geografia pode e deve ter esse debate, trazendo a contribuição de como se pode se pensar o ambiental a partir da lógica da divisão espacial. Nós, vivemos um período de transição, em busca de novas fontes de energias renováveis e quem controla esses processos continuam sendo os centros que desenvolvem tecnologia, e a geografia para além de só falar do meio ambiente, mostra como é que é essas desigualdades na apropriação de essas novas fontes de energia, nas novas técnicas pode contribuir para esclarecer uma nova temática importante que é a questão ambiental.

Eu penso que a geografia perdeu lugar contra outras disciplinas, as engenharias ou outras áreas que foram formatadas nessa questão ambiental, hoje se tem a temática ambiental em vários campos: direito ambiental, sociologia ambiental, enfim a questão ambiental se tornou transversal, mas eu entendo que a geografia tem um papel importante nessa temática e deve dialogar e ampliar o seu campo de interpretação usando a suas ferramentas técnicas e teóricas para contribuir a esclarecer sobre isso.

SOBRE DIDÁTICA E NOVAS PEDAGOGIAS PARA ENSINAR E APRENDER GEOGRAFIA

SMSB: Qual é o papel do trabalho de campo ou do conhecimento in situ no ensino de geografia?

DMP: *Pela forma que eu entendo a geografia, eu considero o trabalho de campo fundamental, mas não uma ideia só baseada na lógica empirista, onde você vai observar um fenômeno e você acha que aquilo é suficiente. É importante que a observação direta no trabalho de campo esteja ancorada em um debate onde a paisagem observada seja compreendida como parte da realidade. Então, o trabalho de campo não pode ser observação só para achar aquilo que você capta pelo sentido seja suficiente para compreender a realidade, muito da realidade no sentido que fala Pierre George, “que outros atores são invisíveis” então você precisa compreender para além daquilo que se apresenta na paisagem. O trabalho de campo é importante para você articular o conhecimento teórico, metódico com o que nós observamos. O geógrafo precisa ser treinado para observar fenômenos de natureza espacial, do ponto de vista do ambiente ou da construção socioespacial mas que não fique só na observação daquilo que se apresenta, mas que ele procure fazer uma interação do observável diretamente com aquilo que não se apresenta na paisagem, mas que decorre do processo e principalmente das contradições do porquê aquelas paisagens se formam daquele jeito. Então é importante, mas a gente não pode ficar só no empirismo e fazer uma observação e achar que aquilo é a realidade em si.*

SMSB: Você conhece ou trabalha com diversas propostas didáticas? Quais você

considera mais adequados para o trabalho em sala de aula? Porque?

DMP: *Eu, talvez pela prática que decorre da minha própria formação, eu foco numa aula expositiva, dialogada em que o professor estabelece conexões entre os conteúdos teóricos metódicos que trazem os textos dos autores. Mas é uma exposição dialogando com os alunos de como compreender, dialogar com aquelas obras que a gente escolheu para trabalhar. Eu entendo que é importante estimular os estudantes na realidade vivenciada por eles e estabelecendo as conexões entre essa realidade percebida e suas relações entre as diferentes escalas dos acontecimentos. O cotidiano precisa ser compreendido do ponto de vista de reflexão intelectual, eu ainda sou muito nesse fazer o ensino de sala de aula a partir dessa leitura, da exposição, da observação, de chamar a atenção para aquilo que a gente está discutindo é uma realidade que se vê no dia a dia, no cotidiano das pessoas, que o conteúdo de sala de aula não é um conteúdo abstrato que simplesmente não é observável. A cada situação que acontece pode se usar aquilo e tentar pensar como é que a geografia explica. Então, aí você tem que usar algum recurso de ilustração, seja usando alguma ferramenta de sig ou uma ilustração a partir de imagens e vídeos, procurando enriquecer esse conteúdo que é exposto. Então na medida do possível é uma aula que dialogue e que traga principalmente a realidade concreta do dia a dia e como ela pode ser pensada a partir das construções teóricas da geografia.*

SMSB: Como deveriam ser configuradas as novas pedagogias para o ensino de geografia?

DMP: *Eu penso que a geografia tem que dialogar com a área das metodologias que são desenvolvidas na área do ensino e aprendizado e procurar evidentemente articular isso com o seu conteúdo. É importante que a geografia se mantenha atualizada com os novos procedimentos e eu, como disse na resposta anterior, mantenho essa forma de trabalhar na sala de aula como uma aula expositiva e dialogada, mas hoje em dia vejo os colegas aqui, principalmente da área de ensino, com a preocupação de trazer novas colaborações então a geografia tem feito esforços para se atualizar desde o uso de novas tecnologias até novas interpretações do ponto de vista da pedagogia do ensino.*

Eu acho que a geografia dialoga com essas novas possibilidades buscando introduzir essas metodologias, aqui no Brasil é comum as chamadas “metodologias ativas” onde se procura interagir melhor com os estudantes, que têm um papel importante no processo de ensino e aprendizado que não seja uma pedagogia tradicional e uma didática onde o estudante seja apenas um sujeito passivo. A geografia é aberta, mantém ainda talvez uma didática clássica ou tradicional, da memorização mas a gente tem introduzido novas possibilidades e isso aparece principalmente no pessoal que tem o ensino como foco, dos cursos de licenciaturas, sobre novas possibilidades, novas tecnologias de

ensino, uso de ferramentas informáticas, novas ferramentas de geoprocessamento e isso vai colocando uma certa atualização para forma como também se dá o ensino de geografia.

SOBRE O ENSINO DE GEOGRAFIA EM DETERMINADOS PAÍSES E NA AMÉRICA LATINA

SMSB: *¿Que transformações na matriz curricular foram feitas na instituição, jurisdição e/ou país a que pertence ou onde tem ministrado aulas nos últimos tempos? Você concorda com eles ou tem uma postura crítica?*

DMP: *Aqui no Brasil, na geografia escolar, no ensino fundamental e médio, a gente tem uma disputa com outros campos de conhecimentos nas políticas públicas, uma hora reduz a carga horária do ensino de geografia, o que para a gente é ruim porque a geografia é um conteúdo necessário. Por outro lado, se procura trazer novos conteúdos de novos campos de saber que a gente pode dialogar. Então, da minha experiência aqui no Brasil, a geografia é obrigatória no ensino fundamental e médio e questiona essa ideia que a geografia pode ser diluída em outros campos de conhecimento que acho que é necessário ter uma formação especializada do pessoal de geografia e a gente, ter uma disputa saudável ou crítica às políticas públicas que procuram reduzir o conteúdo desses ensinamentos e daí, da quanti-*

dade de carga horária que normalmente é entre 8 e 12 horas semanais no ensino fundamental e médio. E, com relação ao ensino de geografia de outros países especialmente de América Latina, eu acho que fica um pouco dentro da característica da descrição, um pouco a divisão política, um pouco a caracterização mas da descrição dos aspectos da natureza e alguma crítica da forma de organização social mas, infelizmente, a gente tem pouca ênfase de interação desde o ensino médio e fundamental até o ensino da universidade voltado a América Latina. Eu entendo que se estuda pouco, tem pouco conteúdo sobre América Latina, sobre geografia e intercâmbio entre os nossos colegas latino-americanos, às vezes isso na pós-graduação é um pouco mais mas no ensino fundamental e médio é pouco, entendo que seria necessário que a gente tivesse maior interação e mais conexões para a gente de fato compreender a realidade da América Latina e das suas condições sócio ambientais, isso é importante enquanto unidade política, cultural e ambiental da América Latina, eu sinto falta disso... poderia ser mais presente na nossa formação e nas nossas interações cotidianas. Espero que nessas entrevistas com outros colegas da Argentina e do México possamos ir ampliando, estando abertos para pedir contribuição e a disposição para ampliar esse diálogo e isso, você Silvina, tem um papel importante neste material que tenho curiosidade de ler o que os colegas estão respondendo sobre as mesmas questões.

Há uma reforma do ensino médio no Brasil que é um dos problemas que a gente encontra aqui, o ensino médio tem passado por problemas, há uma desistência grande da juventude e isso, ocorre no ensino médio então sempre tem essa tentativa de tornar o ensino médio mais prático, técnico, atrativo, o governo atual propus inclusive um conjunto de incentivos como pagar bolsa para que o estudante possa, ao invés de começar a trabalhar muito jovem, poder ter tempo a mais para estudar, incentivo através de bolsas e poupanças para que ao final do ensino médio ele tenha ali conseguido reunir um pequeno valor de bolsa. Então, no ensino fundamental que é quando começam ali os conteúdos da geografia a partir do quinto ano aqui, no Brasil, o ensino fundamental na primeira fase desde a alfabetização até o quinto ano, a geografia ela é ensinada pelo profissional da pedagogia, a partir do quinto ano ali entram os conteúdos ensinados pelos profissionais da geografia. Essas reformas da matriz tem aqui no Brasil uma hora que reduz a carga horária, e isso como eu comentei a gente reclama porque entendemos que os conteúdos são importantes e as novas temáticas precisam ser abordadas e a geografia teria competência para fazer isso, e não são incluídas. Então, as renovações de matriz ela tem uma posição de pelo menos discutir e em alguns pontos discordar, porque especialmente quando se reduz, quando se tira conteúdos que são importantes para reflexão do estudante na sua fase inicial da adolescência e depois na juventude, a gente entende que es-

ses conteúdos são importantes para viver em sociedade e no mundo. Então, a geografia tem essa contribuição e esses conteúdos não podem ser reduzidos porque são importantes justamente para as pessoas compreenderem o mundo em que vivem, como é que elas se organizam ou são organizadas nesse mundo através de seus atores hegemônicos, o Estado, o mercado e as formas de produção.

SMSB: *Que consequências a pandemia do coronavírus teve no centro educacional onde você lecionou? E quais você acha que são as consequências a nível regional?*

DMP: *A pandemia teve um impacto muito grande no cotidiano das escolas do Brasil já tem pesquisas, estudos que mostram essas situações. Da minha experiência, a gente fez esse ensino usando as tecnologias à distância isso desestimulou muito, houve uma redução do número de estudantes na faculdade, seja porque faltava domínio dessas tecnologias, seja porque nem sempre elas estavam disponíveis e ainda hoje, passados já de um dos períodos mais críticos da pandemia a gente está vendo essas consequências. Uma das questões que aumentou, aqui no Brasil, e que isso a gente está procurando refletir é o chamado “ensino não presencial” porque a partir da pandemia isso tornou-se, ampliou-se o uso das ferramentas virtuais e isso tem impactado muito grande nas universidades, a redução da presença dos estudantes buscando fazer curso, tanto é que o governo está procurando desesti-*

mular e até proibir cursos com essas atividades chamadas “ensino à distância” porque, entende-se, que as práticas docentes e muito desses conteúdos, não podem ser substituídos pelas ferramentas, por mais contribuição que possam trazer do ponto de vista do seu uso no processo de ensino-aprendizado, mas a gente não está preparado para fazer essa mudança tão brusca. Então, uma das consequências é essa mudança de perfil nos estudantes, onde se ampliou enormemente em alguns campos de estudos, mais do 50% dos estudantes hoje estão procurando novas ferramentas principalmente à distância e isso prejudica a qualidade, porque o aluno ao frequentar os laboratórios, biblioteca, o ensino presencial de sala de aula, as trocas são muito mais intensas mesmo que essas ferramentas possibilitam outras situações pedagógicas. A pandemia ainda não é uma coisa resolvida, ainda está em curso mesmo que o impacto maior tenha passado, a gente vive agora esse período, e uma das coisas bem observadas já é a redução da presença do estudante na sala de aula e isso vai comprometer sem dúvida uma geração que estudou usando as ferramentas e que caiu muito a qualidade do ensino até a procura de novas formas de ensino, principalmente de ensino à distância. Então, os efeitos da pandemia estão sendo observados, não se tem ainda claro todo o impacto que vai trazer, mas muitos desses impactos já estão presentes então é uma questão que nós, professores, temos que observar e fazer uma reflexão profunda sobre o que aconteceu e buscar novas

possibilidades para superar esse tipo de situação. Então, ela traz um aprendizado que não se esperava dessa natureza, mas ela já mostra um impacto muito grande na organização do ensino e seu processo de desenvolvimento.



Para mais informações sobre a obra do Dr. Dimas Moraes Peixinho podem escutar o *podcast*¹ que fez recentemente para o programa *Filosofia Pop* onde fala a questão da monocultura de soja no cerrado, um dos seus temas principais de pesquisa.

¹ <https://filosofiapop.com.br/podcast/207-cerrado-soja-e-cia-com-dimas-peixinho/>